

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

***A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas***

TERESA BALBINA DA PAZ COTA MASSENSINI

Belo Horizonte

Minas Gerais

SUMÁRIO

Traços Biográficos

TERESA BALBINA DA PAZ COTA MASSENSINI

Nasceu em 09 de julho de 1945 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Casada, 3 filhos vivos. Sua vivência na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) foi de 1961 até sua aposentadoria em 1990.

Começou a trabalhar na EECC aos 16 anos, por indicação de seu pai que trabalhava na Faculdade de Medicina. Foi copeira e arrumadeira no Internato da Avenida Getúlio Vargas.

Participou do dia-a-dia do Internato, das dificuldades financeiras, as mudanças de locais, durante a gestão da irmã Emília Clarízia e da irmã Maria Carmem Teixeira.

Vivenciou as mudanças decorrentes da Reforma Universitária de 68 trabalhando como secretária no Departamento de Enfermagem Básica e no de Enfermagem Aplicada, durante a administração de Carmelita Pinto Rabelo, Izaltina Goulart de Azevedo, Yole de Carvalho Mazzoni, Maria Noemi Ferreira Ribeiro, Maria Rizioneide Negreiros de Araújo e Alcinéa Eustáquia Costa.

Considera-se como uma pessoa de fácil relacionamento, que sempre se deu muito bem com as alunas, com seus colegas de trabalho, com as professoras e com as diretoras.

Com a aposentadoria, passou a dedicar-se exclusivamente ao convívio familiar.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Dados pessoais, a infância, as dificuldades enfrentadas pela família; o trabalho do pai na faculdade de medicina; a aposentadoria e morte do mesmo; a religiosidade da família; sua crença religiosa; a 1ª comunhão aos sete anos; o local onde mora até hoje; os familiares; a saudade do passado; estudos na infância, a continuação dos estudos após o ingresso na EECC; o nascimento dos quatro filhos; o primeiro emprego; ingresso de seus irmãos na faculdade de medicina como funcionários; as relações de seu pai na faculdade de medicina na escola como copeira; a carga horária e de sua função no trabalho; ênfase à morte da ex funcionária Tita; a vida no internato; o carinho do pessoal para com ela; a rigidez da Ir. Emília, do bater o sininho para chamar as alunas e funcionários; da imposição da Ir. Emília, os horários de entrada e saída no internato; a entrada da D. Itália, irmã da Ir. Emília, seu trabalho no internato; o uniforme usado pelas enfermeiras; o quarto da Ir. Emília; o transporte das enfermeiras do internato até o Hospital das Clínicas; a não permissão para ir até os quartos; a exigência do seu uniforme impecável; a relação entre a Ir. Emília e as alunas, as brincadeiras das alunas na ausência da Ir. Emília; o dia a dia no internato; o refeitório; o fornecimento dos alimentos pelo Hospital das Clínicas; a falta de acesso à dispensa por parte das funcionárias; a diversão e o namoro das alunas no internato; as missas realizadas na escola; a transferência da escola para a sede atual.

FITA 1 LADO B

O internato sob a direção da Ir. Maria Carmem Teixeira; o relacionamento da mesma com alunas e funcionários; as mudanças internas do internato decorrentes da mudança de local; as pessoas marcantes da época que moravam no internato; o término do internato; o destino dos móveis e utensílios do internato; as suas atividades e funções após o fechamento do internato; os concursos de datilografia e de assistente administrativo; as mudanças de diretoras; os requerimentos de material para a reitoria; a saída das freiras; a transferência da Ir. Emília para o Rio de Janeiro; a direção da D. Rosa de Lima Moreira; as mudanças das normas com a mudança do internato; o trabalho na secretaria, o relacionamento com as alunas e funcionários; os cursos dados pelas alunas para a comunidade; o Hospital André Luís como campo de estágio; as festas na escola, as diferenças existentes quando secretariou o Departamento de Enfermagem Básica e o de Enfermagem Aplicada; o relacionamento com as professoras; as dificuldades no trabalho; a sua responsabilidade como funcionária; as dificuldades de relacionamento com alguns colegas; os comentários sobre as financeiras na época do internato; as pessoas marcantes da escola, o pessoal do Hospital São Vicente de Paulo; as “cantadas” de colegas nos tempos mais antigos; o primeiro aluno do sexo masculino.

FITA 2 LADO A

A luta do Sr. Wilson, primeiro aluno, para fazer a disciplina obstetrícia; as homenagens recebida dos alunos; a desistência do curso e expulsão de alunos; a seleção das alunas; a sua vida após a aposentadoria; a morte do filho; o apoio de todos da escola; o bom relacionamento com todos; a sua visão da enfermagem na época do internato e atual.

FITA 1 LADO A

Geralda: É, o seu nome completo é Teresa?

Teresa: É pequenininho [risos, latidos]. É, Teresa Balbina da Paz Cota Massensini.

G.: Massensini!?

T.: É.

G.: A data do seu nascimento, é Teresa ?

T.: É, 09/07/45.

G.: Você nasceu onde?

T.: Aqui em Belo Horizonte.

G.: Estado civil?

T.: Casada.

G.: Número de filhos?

T.: Agora tenho três, né? Eu já tive um aborto e tive, eu perdi um [latido].

G.: Teresa fala pra gente um pouco sobre a sua vida é, na infância, na adolescência, como é que foi isso, a sua família?

T.: Olha, a minha vida de infância foi assim bastante difícil porque apesar de..., a minha mãe sempre foi dona de casa, né? Só criou dezesseis filhos, só dezesseis [risos] e o papai toda vida trabalhou na faculdade de medicina, ele trabalhou lá trinta e oito anos, né?, na faculdade de medicina. Foi secretário de lá muitos anos, no tempo do doutor [Oscar, Caldeira] Versiani, diretor da faculdade de medicina, mas, é como se diz toda vida o vencimento foi muito pouco, então a mamãe criava a gente, mas não procurava assim..., que a gente aperfeiçoasse um pouco, é, hoje em dia a gente procura, mas antigamente as pessoas não preocupavam muito, né? Mas foi muito boa a vivência da gente com os nossos pais, sabe, e durante esse tempo todo que a gente conviveu, foi excelente. Agora, só que, depois de casada, também casei, comecei a trabalhar muito nova, casei muito nova, com dezesseis anos eu comecei a trabalhar na escola, trabalhei trinta anos direto lá, né? Eu punha todo mundo pra trabalhar, ficava maior um pouquinho tinha que trabalhar, né?

G.: Foi, foi em que período que o seu pai trabalhou como secretário lá na medicina?

T.: Ah, eu não sei te falar assim bem certo, entende? Eu sei que tem bastante tempo, que só que ele morreu já tem vinte anos, entende? Mas ele já havia aposentado naquela..., antigamente as pessoas podiam assim aposentar e continuar trabalhando depois chegou, mudou de diretor e não aceitou mais as pessoas, porque foram outros fazendo concurso, né?, e foram entrando, então tirou, até que ele ficou muito apaixonado porque realmente sabe o homem principalmente ele gosta mais assim do serviço de ficar trabalhando fora do que em casa. A mulher já parece, eu acho, eu não sei vocês, eu né?, assim, de ficar mais em casa cuidando mais e também eu tenho outro problema que eu perdi aquele filho assim, né?, daquele jeito que vocês todos sabem, então a gente fica muito assim apegada em casa, nosso pai, nossa, papai ficou tão triste menina, quando ele aposentou. Que doutor Sílvio, secretário lá, também chamou, falou que ele não podia mais trabalhar que ele teria que dar a vaga pra outro, com isso ele foi ficando triste, amuado, amuado, eu sei que não aguentou não, muito tempo não e logo em seguida ele morreu. A atividade mesmo era fora, entende?, dele, teria que ser lá na faculdade, muitas vezes daquele doutor Dilson que já morreu também, né?, quantas vezes que eles vinham aqui na casa de papai à noite pedir papai pra fazer sempre alguma coisa, isso pra ele era a maior satisfação, nossa mãe, era muito bom, né? Uma pessoa, ele era uma pessoa muito querida na faculdade. Sabe esses médicos mais antigos é que lembra que agora até mudou muito, tem muitos anos, né?

G.: E a sua mãe é, criando dezesseis filhos como que era a..., essa criação que ela dava, como que era a crença religiosa de vocês ?

T.: É..., católica sabe, isso realmente, nossa mãe, eles puxavam a gente demais, acho que eu estou muito relaxada agora, nós, né?, cada um que a gente casa, separa, mas eles (inaudível) nossa, todo [mundo] aos domingos tinha que ir à missa, tinha que fazer a primeira comunhão, antigamente, sem a gente até saber ler, né? Com sete anos tinha que fazer a primeira comunhão, antigamente era assim, que hoje em dia não, é tudo diferente. Gente, eu me lembro que eu fui fazer a primeira comunhão com sete anos não sabia nada, só sabia rezar o Pai Nosso, Ave Maria, mas tinha que saber, todo sábado tinha que ir para o catecismo e tudo, mas eles não preocupavam muito assim, de realmente, só com a alimentação da gente, sabe ? E antigamente isso aqui era uma fazenda porque minha vó, ela ficou viúva e fez a separação de terreno para minha mãe,

(inaudível), minha mãe, cada um ficou com uma parte tal. E antigamente aqui era muito grande e tal, e só tinha a casa de mamãe aqui, mais embaixo era o depósito Saudade onde que a minha outra tia ficou, né?, com uma parte. Sei que naquela época eram doze ou treze lotes para cada pessoa e de repente é... devido à necessidade a minha foi vendendo os terrenos, sabe, as minhas tias também, porque só tinha o Hospital da Baleia, que eles venderam, os meus avós venderam um pedaço para o pessoal aí e o Cemitério da Saudade que eles venderam também uma parte, aí repartiu entre os filhos, sabe? Mas era muito bom, mas agora, estudo mesmo...

G.: E os seus estudos, que cursos que você fez antes de trabalhar?

T.: Eu, eu só tinha até o quarto ano de grupo quando, eu comecei trabalhar na escola de enfermagem [latidos]. E depois com o tempo, a D. Nilza [Nilza de Andrade Ribeiro] da Carmelita, D. Izaltina [Izaltina Goulart de Azevedo] que era diretora e mais a Carmelita [Carmelita Pinto Rabelo] falaram: “Ah, minha filha você está nova, trata de estudar, né?” Viviam me incentivando, eu estava com dezesseis anos: “Ah não, vai estudar!” Então, eu peguei e comecei a fazer, fiz, fiz a..., antigamente, foi na Cruz Vermelha, quarto ano de ginásio, depois eu fiz até o segundo ano do segundo grau também no Colégio Rio Branco, mas quando foi pra fazer o terceiro ano eu já não estava dando conta mais, com três meninos pequenos, porque eu tive o Tadeu, a Beatriz e o Tiago, o Alexandre tudo em seguida, logo um atrás do outro. Eu já tinha casado também, né, nessas alturas, casei em 63, e aí vieram os meninos e a gente vai ficando mais apertada, uma coisa, é outra, sei que por um triz deixei, parei no segundo ano (inaudível), quase terminando.

G.: Você trabalhou antes da escola ou esse foi o seu primeiro emprego?

T.: Não... foi o meu primeiro emprego.

G.: Fala pra gente sobre esse seu primeiro emprego...

T.: Ah, irmão...

G.: ... como é que foi a sua entrada lá, se houve algum concurso, como é que foi a seleção, quem te indicou?

T.: Não, foi o seguinte: a Ir. Emília, como diretora da escola de enfermagem, foi até na faculdade de medicina perguntar o papai que ele era... Papai toda vida era muito conhecido, todos os médicos, diretores e ela, nessa época, D. Izaltina, Ir. Emília

Clarízia, irmã da D. Itália [Itália Clarízia]. Então, que perguntou: “Ô seu Cota, o senhor não tem uma filha para trabalhar, porque eu estou precisando, porque morreu, há, tem oito dias que faleceu a Nilza, irmã da Maria.” - Aquela que trabalhou na escola, funcionária, nossa colega que aposentou depois de mim também. [Maria da Conceição Aparecida Batista] - “E eu estou precisando muito de uma pessoa lá pra trabalhar lá comigo na escola de enfermagem.” - Que era lá em cima, na Serra, né? - Então, papai falou: “Eu tenho, eu estou com uma menina lá, boa mesmo pra trabalhar.” Que era eu [risos], então, pois eu fui, me levou lá no... Antigamente, a Ir. Emília ficava muito no Hospital das Clínicas, não sei que andar mais, tinha um andar ali que era só de irmã de caridade, que tinha tanta irmã que, parece que era no quarto andar. E papai me apresentou e tal, e ela logo falou: “Não, sendo filha do senhor eu já sei que é excelente, que não precisa...” Que é por causa de papai, que era muito querido lá, todo mundo conhecia o meu pai, né?, então, a gente também sem conhecer, a gente também era, né?, e eu só sei que graças a Deus, ele, eu não, não sujei a palavra dele, aliás nós todos, né?, que trabalhamos lá, entramos e saímos, e fomos muito benquistos lá por todos, né?

G.: Em que ano foi isso, que você entrou na Escola ?

T.: Eu entrei em 61, 1961.

G.: É você...

Valda: ... quem, quem mais trabalhou lá além de você e seu pai?

T.: É, Tarcísio dos Santos Cota trabalhou na Faculdade de medicina toda a vida.

G.: Tarcísio era...

T.: Ele era técnico de laboratório.

G.: Ele era o quê seu?

T.: Meu irmão, é meu irmão. Ele aposentou também e o Paulo Martins Cota trabalhou no Hospital das Clínicas, e aposentou também; toda vida no Hospital das Clínicas.

V.: Vocês três entraram via “papai”?

T.: Via papai e tem o Osvaldo Cota também, que é meu primo, que entrou via, mas tem outras pessoas também. Antigamente, não existia assim concurso não, sabe gente. Eu só fui fazer concurso de datilógrafa, de assistente administrativo, só depois com os anos que a reitoria abriu concurso, que antigamente realmente não era não, assim as

peessoas conheciam um ao outro, igual a Ir. Emília conhecia o papai, sabia que o papai tinha muitos filhos, que papai era pobre, ganhava pouco lá e tal, né? Era um bom funcionário, toda hora que eles chamavam ele, até meia-noite aqui, a gente era menino..., a gente lembra, porque a casa era pequenininha, a casa de mamãe, a gente às vezes saía correndo, que chegava, nó, doutor fulano está aí. A gente, a gente dormia na sala sabe, durante o dia tirava as camas, passava lá pra dentro, que era tão assim pobre realmente, sabe, agora, então foi assim, sendo assim nós entramos. Agora mesmo meu irmão, ele fez o curso de laboratorista, né?, o Tarcísio. Amélia, também trabalhou na faculdade de medicina, no laboratório central e foi assim.

G.: Teresa, o que você sabia sobre enfermagem, sobre o curso de enfermagem antes de entrar?

T.: Antes de entrar para a escola ? Nada, nada. Eu entrei para a escola assim, gente, nua e crua, sem saber, não sabia nada, só sabia o seguinte, eu naquela época que eu entrei para a escola estava fazendo admissão, admissão, sabe? E antigamente existia admissão, eu nem sei se hoje existe o curso de admissão, então foi onde eu entrei para a escola de enfermagem e depois eu parei de estudar um tempo. Eu sei que, eu fui estudar mesmo foi na época quando a D. Izaltina mais a Carmelita, que era diretora e vice-diretora a Carmelita, né?, naquela época, ela foi diretora duas vezes, não foi D. Izaltina...

V.: ... é pouco tempo depois (inaudível).

G.: Quais que eram as suas atividades na escola no início? Fala pra gente?

T.: É, minha atividade foi no início como copeira, foi justamente a irmã da Maria havia morrido lá na escola de enfermagem, ela era funcionária, ela morreu, lá no serviço, então não, não conheci. Conheci a Maria, que entrou depois de mim e a Ir. Emília estava precisando urgente porque lá havia, era, era internato, né? Então, né?, as meninas que iam estudar, teve um certo, muitos anos lá na escola de enfermagem até que passou para aqui, para baixo, era internato também e ela ficou precisando de pessoas para trabalhar, então no caso eu fui a pessoa mais indicada. Papai foi lá, me apresentou e tudo, e eu comecei a trabalhar. “Sabe fazer serviço de casa?” “Sei”, que a única coisa que a gente sabia naquela época realmente, a mamãe punha a gente pra lavar vasilha, lavar, passar, cozinhar e tudo mas é..., outras coisas assim realmente não

dava, né?, a situação. E eu entrei lá, eu comecei a fazer os serviços de, servir o café da manhã. Pegava serviço seis horas da manhã, antigamente a gente trabalhava só seis horas, de seis à uma, só sei que a gente trabalhava e dava conta de fazer os serviços, e quando aos domingos de quinze em quinze dias a gente fazia é, tinha permuta assim de pessoas, então se eu trabalhasse esse domingo o outro domingo seria você, sabe? Ir. Emília impunha a gente, porque tinha que fazer o almoço, fazer o lanche, não, fazer o café da manhã, fazer o lanche das nove horas, então a gente já preparava tudo, já deixava tudo assim, e eu dei conta disso tudo, sabe?

G.: Quem mais trabalhava com você?

T.: No domingo, aos domingos era uma pessoa só, ficava lá o dia inteiro dando plantão, entende? Então trabalhava como se fosse de seis a seis ou de sete a sete, entende? Era uma pessoa só.

G.: Isso aos domingos!?

T.: Aos domingos.

G.: Mas e no dia a dia?

T.: No dia a dia? Era a D. Zulmira [Zulmira Chaves Campos], quando eu entrei para a escola era D. Zulmira, D. Margarida [Margarida Maria dos Santos], não sei se a D. Zulmira já morreu também, D. Margarida já, D. Zulmira, D. Leontina [Leontina da Costa], mãe do Oscar [funcionário da Escola de Enfermagem da UFMG], que já faleceu e a Tita que é a Maria Natividade, que mora lá na Sagrada Família.

V.: Falecida também.

T.: Tita?

G.: Falecida também.

T.: Tita?

G.: É.

T.: Não sabia gente!

G.: Da biblioteca?

T.: Da biblioteca, foi uma grande amiga da gente, não sabia que a Tita morreu gente. Pouco tempo eu até encontrei com ela na cidade assim, correndo, ela já tinha uma netinha, minha neta, minha neta, falando assim: “Ô, nessa idade tudo é festa!” E a

Maria, e eu. A Maria, vocês sabem, e eu, naquela época, eu era a mais nova de todas, entre todas as alunas e todo mundo...

G.: ... como é que era a vida.

T.: ... me paparicavam tanto, gostavam de mim, eu também adorava, né?, trabalhava suja [risos].

G.: Como é que era a vida no internato?

T.: Menina, a vida era maravilhosa, era muito boa, a Ir. Emília muito rígida assim com todas as alunas, ela não dava colher de chá não. Diretora muito boa e tudo, mas ela era uma pessoa muito fechada. Irmã Emília não gostava muito de conversa, de dar papo assim não, sabe? Tinha que ser tudo no lugar, muitas vezes a gente via até que, eu ficava falando assim: (inaudível) e fica chamando a atenção das meninas, tinha que ter horário para tudo e ainda falava comigo: “Olha, você também tem que pôr horário, não pode, chegou atrasado cinco minutos para tomar café não pode, feche a porta.” Eu falava: “ô Ir. Emília, mas a menina levantou tarde coitada, ela deu plantão. Ela sabia do horário, eu já chamei Ir. Emília e bati o sininho lá.” Antigamente tinha um sininho lá, naquela escola de enfermagem, que até esqueci agora na Av. Getúlio Vargas[167].⁴

Ah! Menina, eu ficava tão apertada, que eu era tão puxa-saco das alunas que a final de contas eu gostava de todo mundo, todo mundo me tratava muito bem, então às vezes, por causa de cinco minutos que você levantava atrasado, escovava os dentes e ficava mais um pouquinho. A Ir. Emília, não tem, saiu à noite teve horário para chegar, e tinha horário para chegar também lá no internato, de saída e de chegada.

G.: Você se lembra de alguma situação que ela, que ela foi assim muito rígida em termos de punição, algum caso assim?

T.: Não com, não, sempre geralmente ela chamava as pessoas lá, mas quando era assim no caso que era por exemplo, eu trabalhando na copa algum aluno ia lá, estava lá tomando café mais tarde tanto ela chamava a atenção da aluna quanto a minha atenção também, tanto, nós duas, né? Então, nós, todas duas, estávamos erradas, tanto você que chegou, tomou o café atrasado e eu que abri as portas, então não, eu também teria que deixar o meu serviço muito em ordem, então eu também aprendi, apesar de casa também, a mamãe foi sempre muito assim com a gente, o papai então tem que ser assim, fazer as coisas muito certa, eu também achei Ir. Emília lá que, sabe? Que

impunha a gente, assim D. Itália também impunha a gente muito ali ó, ficava só olhando a gente, falava tudo para Ir. Emília. Irmã. Emília, chamava a atenção da gente ali assim, mas numa boa, sabe? Ela estava certa, era coisas que realmente, sabe, precisava.

V.: Ela era rígida assim com todas as alunas ou tinha uma assim que ela abria, acobertava?

T.: Não, eu não me lembro, Ir. Emília não, lembro não.

V.: Nem a D. Itália?

T.: Não, a D. Itália era irmã dela, né?, então era coisa dela, mas mesmo a D. Itália, ela também chamava atenção da D. Itália, apesar da D. Itália, ficava mais vigiando a gente assim, porque eu era a funcionária, tinha que fazer as coisas, deixar em ordem, eu não, eu não podia ir embora e deixar uma xícara fora do lugar, suja, tinha que deixar tudo, e é claro, o certo é isso mesmo, sabe? Eu acho que para gente fazer as coisas bem feitas dá um serviço, deixar um serviço bem feito a gente tem que deixar realmente, né? E muitas vezes, às vezes até passava do horário da gente, mas a gente tinha que deixar as coisas certas.

V.: A D. Itália entrou na escola...

T.:...depois de mim.

V.: Depois de você?

T.: Logo depois de mim, logo é, ela já entrou até bastante, bem mais velha, né? Você sabe se ela morreu também?

V.: Não sei.

G.: Quantas alunas que moravam no internato, você se lembra (inaudível)?

T.: Nossa, você me apertou, eu não sei...

G.: ... mais ou menos?

T.: Eu sei que tinha...

G.: Quem que ia para o internato, quem que não ia, se eram todas as alunas que estudavam enfermagem ficavam no internato, se você sabia alguma coisa a esse respeito?

T.: Nó, eu não sei te informar, que logo no início assim, eu era tão assim bobinha, que eu não ficava procurando a ir, sabe?, eu só ia se você me chamasse, entende? Lá nos

quartos porque minha ocupação era na copa. Então, eu tinha que deixar tudo muito limpo, muito arrumado, fazer o café com todo o asseio, de tudo muito direitinho, deixar as mesas arrumadas para o outro dia, até a manteiga dentro das vasilhinhas, antigamente a gente usava aquelas vasilhinhas, então a gente tinha que deixar tudo direitinho, o pão a gente recebia, tinha que pegar, pôr nas vasilhas direitinho, então se era cinco, uma mesa para cinco, tinha que ser cinco pãezinhos, não poderia passar.

G.: Como que, você tem jeito de descrever para a gente como que era o internato em termos de quantos cômodos, dos espaços que, que tinha? Como que era a casa ?

T.: Olha, porque a casa tem até hoje, né?, você sabe aonde que é, é uma casa tão bonita, nossa quando eu cheguei era maravilhosa, era, era assim gente: "branquinha", tudo, tudo branquinho. As enfermeiras antigamente, no tempo da Alaíde [Alaíde Esteves Lima]. Alaíde está viva gente?

G.: ... está.

T.: ... nossa mãe, Alaíde, Terezinha [Terezinha de Jesus Cardoso Verheijen], não Terezinha veio até depois, mas eu sei que eu ficava encantada com o uniforme das enfermeiras que tinha aquela touca, eu lembro do uniforme branquinho maravilhoso,³ né?, ainda tinha uma touquinha assim, uma coisa tão bonitinha que a D. Zulmira e a D. Margarida que eram as lavadeiras, né? Elas lavavam... Tiago, vê o forno para mamãe. ..., [falando com seu filho] é que lavava, passava, engomava e passava as roupas lá no internato, na parte de baixo. A parte de cima eu sei que, olha, tinha o salão com a sala, como que era assim, - é até hoje passando lá, só que lá não está bonito assim igual era antigamente - que lá a gente passava era tudo branquinho por dentro e por fora. Não sei se era porque era escola de enfermagem, tinha que ser branco, tudo branco, a roupa branca, tudo muito bonito, sabe? E, e a, o segundo andar era internato, um quarto lá, da janela do lado assim da rua que eu nem sei como que chama, era o quarto da Ir. Emília, então lá a gente não entrava não, tudo a gente tinha que dar a ela na porta, porque era, a gente não podia conhecer lá dentro.

V.: Quem que limpava lá, a clausura?

T.: Não sei, não sei, quem limpava, que a gente não entrava. Olha, eu fazia para as meninas e fazia para ela o lanche, e deixava tudo direitinho, que tinha as bandejas e dava, batia na porta, ela vinha, recebia e pegava, e levava lá pra dentro e depois

tornava me chamar, batia o sininho, assim como ela batia o sininho para as alunas, batia para mim também, que a copa era logo ao lado assim e eu vinha apanhar a vasilha, ela falava: “Hoje, eu quero que você faça para mim uma sopinha.” Sempre à tarde uma sopinha. No almoço ela, ela às vezes almoçava no Hospital das Clínicas ou às vezes ela ia lá, mas ela telefonava pra gente: “Olha, eu vou almoçar aí hoje, faça para mim isso e isso.” Então, a gente fazia o que ela pedia e entregava lá na porta.

G.: Quem fazia a comida no geral?

T.: Eu, olha no dia as meninas almoçavam antigamente no Hospital das Clínicas, eu sei que o Sr. Everaldo, marido da Íris [Íris Soares de Oliveira], que já até faleceu também, ele, ele apanhava as alunas lá no internato trazia para o Hospital das Clínicas e depois à tarde tornava levar outra vez, sabe?

G.: Você está falando do internato da rua, da avenida...

T.: Lá, lá de cima, é...

G.: Avenida avenida, é...

V.: Getúlio Vargas.

T.: Getúlio Vargas, é. E eu sei que, gente quantas alunas assim não sei falar com vocês, quem pode falar melhor é a Carmelita, porque a Carmelita logo quando eu entrei para a escola de enfermagem, o pessoal que eu via assim muito lá era Alaíde e a Carmelita, que ficavam lá em cima no internato, sabe?

V.: O tocar o sino para te chamar era diferente, quando era para chamar as alunas, ou era um jeito só?

T.: Não, era um jeito só porque é o seguinte, veja bem, o quarto da Ir. Emília a porta é logo assim e tinha apenas a... da copa, era, existia assim tipo um balcão, sabe?, e que era, além dela bater o sininho, ela falava: “É você Teresa? É você Teresa?” Quando fosse com as alunas sempre uma chamava a outra assim, se vinha outra vamos supor que ela estava chamando essa menina e você viesse, não chama fulana para mim. E tinha aquele salão assim no segundo andar, aquele salão maravilhoso, com aquela poltrona muito bonita, aquele sofá, né?, aqueles tapetes, tudo muito bonito, muito arrumadinho mesmo.

G.: Tinha algum quarto especial para aluna que dava plantão? Ou não? A aluna que trabalhava à noite e queria dormir durante o dia?

T.: É, eu não sei te falar, eu não sei te falar não.

G.: Alguma aluna dormia durante o dia?

T.: É, elas dormiam, dormiam e tinha... me parece que tinha uns quartos na parte de cima, que deve haver até hoje, que lá não modificaram, me parece que é a mesma coisa, estou achando que não, me parece que eram uns quatro ou cinco.

G.: Você não frequentava lá em cima não?

T.: O quarto não, eu ficava só da copa, da copa para..., sabe? Eu não tomava assim, ia assim, às vezes uma ou outra aluna chamava a gente lá. Às vezes uma agradava a gente com um anel ou uma com broche, uma coisa assim, mas muito longe, muito fora da Ir. Emília, você está entendendo? Então, o lugar que a Ir. Emília estava, lá era tudo muito assim, cada um no seus lugares, todo mundo muito direitinho, tudo, eu também não poderia, não podia sair da copa, eu só saía da copa o horário que eu fosse embora. Cheguei, a primeira coisa ir lá embaixo no quartinho, mudar o meu uniforme porque a gente também tinha o uniforme da gente, a gente, sabe? Muito direitinho não podia ficar sujo, é claro, né? Então, tinha que ser tudo muito bacaninha, sabe?

G.: Você se lembra como era o seu uniforme?

T.: Era azul-claro, um azul-claro assim: um vestido, né?, com um avental branco de peitinho, antigamente até que era bonitinho o nosso uniforme, menina, de prega, o uniforme todo de preguinha assim, até que era muito bonitinho, hoje em dia não existe mais que deveria existir, fazer.

V.: É, como é que você via a relação das alunas com Ir. Emília? Fala mais um pouco sobre isto.

T.: Ah, não via muito, muito não, era muito assim difícil, a Ir. Emília chegou, acabou, todo mundo quietinho nos quartos, fazendo suas coisas ou lendo ou então, sabe? Não ouvia radio, uma coisa assim, sabe? Era muito assim fechado, sabe? Eu não via essas coisas assim não, com a Ir. Emília não.

V.: E quando a Ir. Emília não estava?

T.: Ah, quando a Ir. Emília não estava era diferente, elas procuravam a gente. A gente também fazia tudo pra elas com a maior boa vontade, eu no meu caso, sabe? Eu fazia tudo para elas, tudo no caso, do melhor jeito possível, então elas ficavam satisfeitas

comigo e eu também com elas, né? Mas quando a Ir. Emília estava lá, a gente não podia nem conversar não, para falar a verdade.

G.: Quando ela não estava vocês riam, brincavam?

T.: Quando a Ir. Emília não estava lá, era tudo diferente, Ir. Emília chegou, acabou gente, era tudo tão fechado, tão rígido que eu sei se irmã., se, se precisava daquilo, daquilo, sabe?

G.: Teresa, tenta falar pra gente assim um dia normal no internato, o dia a dia o que acontecia de manhã, à noite, como é que era?

T.: Ah, gente, mas era tão assim, tão engraçado porque por exemplo, eu fui trabalhar como copeira, então, eu ficava ali na copa sempre cuidando dos meus deveres, então, então, eu que tinha que fazer o café da manhã, o café com leite, servir o pão, lavar as vasilhas, arrumar as mesas que a gente era obrigada a arrumar as mesas para as alunas, tirar e arrumar tudo direitinho. Chegou a segunda turma das nove horas para fazer o lanche, as professoras, que era Alaíde, não sei se Carmelita já era professora naquela época também, eu sei que tinha que ter tudo muito arrumadinho, você entende? O refeitório era uma sala assim, um pouco maior do que essa sala minha, me parece que tinha umas oito mesas, antigamente eram mesas todas redondas e tinha as toalhas tudo muito bonitinho, tinha as lavadeiras que eram D. Zulmira e D. Margarida lavavam, tudo muito limpinho, gente. E eu tinha que deixar então o café da manhã, arrumar o café da manhã se terminou sete e meia, que eu não me lembro mais até qual o horário que era assim antigamente. Aquele horário, eu não podia deixar mais alunas nem tomar café, porque eu tinha que arrumar as coisa para a próxima, é, o próximo lanche que tinha o lanche da tarde também. Agora, almoçar elas almoçavam naquela época era no Hospital das Clínicas, viu? Muitos anos, mesmo quando a escola mudou aqui para baixo aonde é até hoje, elas almoçaram muitos anos lá no Hospital das Clínicas, as enfermeiras, então elas almoçavam lá, uma vez ou outra assim que realmente que elas perdiam o almoço aí não sei como, porque, eu acho que tinha horário também, aí a Ir. Emília aqui embaixo porque a sala da diretoria dela era no Hospital das Clínicas, não sei onde que era não, eu só sei que ela falava assim: “Faz, arranja um lanche, faz alguma coisa para fulana de tal.” Então, fulana de tal ia fora de horário, almoçava lá em cima, mas a gente já estava sabendo por telefone que ia almoçar duas ou três, que

era pra gente fazer alguma coisa no almoço. E sempre tinha, porque o Hospital das Clínicas, naquela época fornecia tudo muito direitinho, carne, arroz, feijão, tudo, então a gente deixava sempre as coisas arrumadas, se você fosse almoçar, eu fazia o arrozinho, o feijão estava sempre cozido lá na geladeira, a geladeira tinha que ser sempre... Ir. Emília chegava a primeira coisa, ela ia olhar era a geladeira, se a geladeira estava limpa e em ordem com as coisas.

G.: O Hospital das Clínicas é que fornecia o alimento?

T.: É... elas almoçavam no Hospital das Clínicas antigamente, mas muitas vezes algumas...

V.: A carne que você diz, o arroz, o feijão quem mandava esses alimentos era...

T.: ... era o Hospital das Clínicas é que levava, que mandava essas coisas antigamente.

V.: ... crua, para cozinhar?

T.: É, tinha dispensa lá, mas a gente também não tinha acesso à dispensa porque, é, quem que fornecia as coisas para a gente... você se lembra da D. Itália, que a D. Itália toda vida teve uma dispensa lá, a D. Itália que tinha também acesso à dispensa, a gente não tinha acesso à dispensa, a gente tirava nada, tinha sempre todas as coisas muito boas, doces, queijo, tudo, mas quem dava para a gente era a D. Itália, então a gente não tinha acesso à dispensa, entende? Mas a geladeira tinha as coisas lá e tudo, mas ela falava faz isso, faz aquilo, então, portanto eu não sei te falar.

G.: Como que as alunas faziam para passear, para divertir, para namorar, você se lembra?

T.: É, elas namoravam, algumas namoravam lá, lá na escola, entende? Mas eu também no horário que elas e os namorados estavam chegando, eu não sei. Mas elas ficavam lá, agora a Ir. Emília chegava, com certeza ela ficava lá olhando as alunas porque a gente vinha embora, entende? Se eu trabalhasse por exemplo, dava plantão até seis ou sete horas é, eu vinha embora, mas lá ficava por supervisão da Ir. Emília, a Ir. Emília ficava muito lá tomando conta das alunas lá, namorava lá na sala, no sofá, mesmo aqui embaixo também, entende?

V.: As alunas não falava para você depois dos casos de namoro, as transgressões que elas faziam?

T.: Não, não.

V.: Não, né?

T.: Não, falava não, eu também naquele tempo era tão assim boba, menina, assim boba mesmo ainda, sabe?

V.: Não escutava elas falarem também não, né?

T.: Não, não ficava escutando não, eu cuidava muito das minhas obrigações, eu era muito responsável, graças a Deus, toda vida fui, mas eu nunca fiquei assim, sabe?, perguntando, eu não era aquela pessoa assim de ficar, te escutando, te perguntando não. Se você quisesse me perguntar alguma coisa e puxar um assunto comigo, eu até conversava, agora se não falasse nada eu também ficava sempre na minha, entende? Eu ficava assim meio acanhada assim, sabe?

G.: E a vida religiosa na escola, tinha um capelão, tinha uma capela?

T.: Não, toda vida teve menina, mas capelão mesmo eu não lembro não, a Ir. Emília tinha muita coisa com os padres daqui do hospital.

G.: Como é que foi?

T.: É só porque lá [INTERRUPÇÃO DA FITA , chegada de visitas]

G.: Você participou?

G.: ... sobre a vida religiosa...

T.: ... olha, não, não falava com a gente não, eu sei que, olha, toda vida no Hospital das Clínicas sempre teve um capelão, esse capelão do Hospital das Clínicas é que às vezes ia na escola de enfermagem celebrar uma missa, a pedido da Ir. Emília que, depois da Ir. Emília teve a Ir. Maria Carmem. Era sempre irmãs de caridade assim que conhecem os capelães, os padres, então, realmente eu não sei, lá em cima eu nunca me lembro de missa não de..., de vida religiosa não, agora aqui embaixo...

G.: Você falou que depois da Ir. Emília qual que foi a outra irmã?

T.: Teve lá a Ir. Maria Carmem Teixeira, né?, diretora da escola também.

G.: Como é que é, como é que era o internato sobre a direção da Ir. Maria Carmem?

T.: Se bem que, a Ir. Maria Carmem foi aqui embaixo.

G.: Tá, então vamos fazer o seguinte... Voltando é, sobre as refeições, sobre os lanches você disse Teresa que tinha: o lanche das sete horas depois tinha o das nove horas era para as mesmas pessoas ou era para outras pessoas?

T.: Olha, às sete horas o café da manhã para as meninas, tinha uma turma que vinha do Hospital das Clínicas, eu não me lembro se tinha outros hospitais que elas faziam estágio, que era uma coisa assim que não fazia parte para mim, assim, entendeu? Ficar assim tomando, mas eu sei se uma turma saía e outra turma, outras ficavam lá.

G.: Os professores faziam lanche junto com as alunas, ou era diferente, com os funcionários como é que era?

T.: Fazia, fazia lanche junto, fazia lanche junto, aqui é que separou, lá cima (inaudível).

G.: Falar, falar embaixo agora Teresa...

T.: Falar embaixo? Ah, então está bom!

G.: Falar, falar aqui embaixo, o quê significa “embaixo”, pelo que eu estou entendendo é a transferência da escola de enfermagem da Getúlio Vargas para a atual escola?

T.: É, a transferência.

G.: Como é que foi esta mudança?

T.: É só porque lá era muito pequeno.

G.: Você participou desta mudança?

T.: Eu participei, só porque lá era pequeno e aqui grande, né?, vários...

[FINAL DA FITA 1 LADO A]

FITA 1 LADO B

T.: Pai me levou lá na escola de enfermagem para, aqui, aonde é até hoje, entende? Mas eu não participei assim, como vocês estão falando assim...

V.: Não ouvia falar que estaria construindo, das dificuldades, do povo comentar, não?

T.: Não, a irmã, a diretora nada falava com a gente assim, eu via que às vezes ia alguns engenheiros conversar com as diretoras lá, mas a gente não participava das conversas.

V.: O seu pai por trabalhar no Hospital das Clínicas, ele nunca comentou nada sobre a escola de enfermagem?

T.: Na faculdade de medicina, né?

V.: Na faculdade de medicina quero dizer.

T.: Comigo, ele não comentava não, viu?

G.: Teresa, é..., depois da Ir. Emília veio a Ir. Maria Carmem que você já disse. Como é que era a direção do internato é, com a Ir. Maria Carmem, se você sentiu diferença, como é que foi?

T.: Já era mais aberto, assim, a Ir. Maria Carmem já conversava mais com a gente, né? E com as alunas, já tinha mais tempo de ficar mais lá embaixo na escola de enfermagem mesmo, né, porque no tempo da Ir. Emília, ela ficava muito aqui embaixo, aqui no Hospital das Clínicas.

V.: Ela ficava mais no Hospital das Clínicas do que na escola de enfermagem?

G.: ... do que no internato?

T.: É, era.

V.: E a Ir. Carmem ficava, dava mais assistência às alunas, você via uma relação diferente?

T.: Via, já dava mais, né?

V.: As alunas brigavam com a Ir. Emília? Só nas aparências?

T.: Para te falar a verdade, uma coisa que eu sentia assim, elas não gostavam da Ir. Emília não, se gostavam era uma ou outra. Vocês vão desculpar eu falar uma certa verdade, mas pelo que eu sentia era que não gostavam, sabe, como é que é? Porque eu sentia assim, está tudo ótimo, muito bem. Se a gente está conversando e tal, de repente chegou a Ir. Emília, veio a Ir. Emília acabou, fechou. A gente, era um silêncio, uma coisa, tanto eu na minha, no meu serviço, como as meninas, elas não tinham aquele, aquela coisa assim não. Agora, com a Ir. Maria Carmem a gente já via mais elas sentarem lá, conversar, a Ir. Maria Carmem sempre ficava mais lá na copa com a gente fora do horário. Eu estou trabalhando, estava trabalhando, ela estava participando com a gente também, conversando um assunto ou outro, sabe? [latidos]

G.: As normas do internato mudaram depois com essa mudança, as normas, o dia a dia do internato mudou com a mudança da Getúlio Vargas para a atual escola?

T.: Ah... foi mudado muitas vezes, né?, os poucos foram mudando as coisas, né, mudaram sim...

G.: O que você percebeu que mais mudou? O quê, a rigidez, os horários de funcionamento, as refeições?

T.: Não, até um certo tempo ainda continuou, viu gente? Até um certo tempo continuou assim, é, de uma pessoa vai levando, vai dando a continuidade daquela outra, depois vai mudando por si mesmo, alguma coisa vai, né?, vai soltando, vai mais (inaudível).

G.: De quem você mais se lembra quando fala do internato? Diretores, professores ou alunos, alguém que foi mais marcante para você nesta época?

T.: Ah, gente é difícil, porque realmente foram todos assim muito marcantes, tanto diretora, é as professoras, os alunos porque todos vinham até a gente, por uma coisa ou para outra, para tomar um cafezinho ou para um almoço assim, igual eu estava falando para você, então sempre, sempre batia um papo com a gente, sempre conversava alguma coisa, né? Então, a gente foi entrosando, tomando conhecimento com uma, com outra, né? D. Daura [Pacheco Ribeiro] tem muita coisa para falar, D. Daura, a Alaíde, a Carmelita que realmente...

G.: Alguns, alguns professores ou instrutores moravam no internato?

T.: Se moravam... espere aí, a Alaíde morava, a Alaíde morava sim, a Alaíde e, naquela época a irmã dela até ficava lá também, depois saiu, eu não sei porque. O quê, que a irmã dela era, a Betinha, ficou lá morando um certo tempo lá, não sei se é porque era amiga, muito amiga da Ir. Emília e tudo, mas a Alaíde que deve saber informar, não sei o quê que a Betinha era, vocês conhecem a Betinha irmã dela?

V.: Não, quem que é a Betinha?

T.: A Betinha é a irmã da Alaíde, só sei que ela morava também na escola de enfermagem, agora, o quê e porquê, o quê que ela fazia, o quê que ela era, eu não sei, enfermeira ela não era, eu só sei que Ir. Emília era muito amiga da Alaíde, Alaíde é, amiga da, da, daquela menina, então, eu só sei que ela morava lá na escola, depois, teve um certo tempo que foi assim, os reitores, né?, foram apertando mais, acho que, acho que as coisas que estavam mais difíceis, de tudo, em tudo e por tudo, então foi cortando as coisas, quando mudou, aqui nesta escola de enfermagem tinha, é, eu não me lembro até quando que teve internato gente, sinceramente, alguém nunca falou para vocês?

V.: 68.

G.: ... até 68.

T.: 68, até 68 que teve internato, depois fechou, acabou, não sei porquê que, estava a universidade, estava muito difícil, acho que a situação financeira, alguma coisa assim que fechou. Por que antigamente era tudo muito assim, as alunas iam, moravam lá, ficavam, faziam tudo lá na escola de enfermagem.

G.: Você, você não, você lembra assim como que foi o término desse internato?

T.: O porquê ninguém também nunca me falou, o porquê.

G.: Ah... não, porque?

T.: D. Izaltina não falou isso antes com vocês, não?

G.: A gente, a gente até...

V.: Nós não conversamos com a tia Izaltina

T.: Não deu pra falar? D. Izaltina era muito da escola de enfermagem, muito lá entrosada, tudo, em tudo e por tudo, ela poderia falar isso, a Carmelita, sabe gente?

G.: Teresa, Teresa, depois que terminou o internato você se lembra do que foi feito com as, com as..., os materiais, os equipamentos que usavam na cozinha, qual que foi o destino das camas, de todo, é?

T.: Ih,... essas coisa ficaram lá gente.

G.: ... os móveis?

T.: Os móveis, ficaram lá, lá embaixo no térreo, que estava inacabado, jogado lá um tempão. Depois, eu não sei se foi no tempo da Ir. Emília ainda, que mandou recolher, não sei quem que solicitou que ela mandasse recolher, não sei para onde, não sei para onde que foi, a gente não tomava parte dessas coisas não. Gente, lá tinha camas, tudo, tudo que vocês pensam, que tem dentro de uma casa, viu? Tudo, muita roupa, travesseiros, cobertores, tudo dos melhores possíveis, lençóis, mas quem tomava conta também era as pessoas de outras partes também, por exemplo: Tita, né? Então, ela, se, tomava conta daquela parte lá, então tomava conta, andava com a chave, de irmã, a diretora sabia da chave de tal lugar, tá lá e tudo, mas era tudo assim muito fechado a gente não tomava parte disso não, viu? Quem que sabia mais mesmo, então...

G.: E como que foi sua mudança de trabalho depois que fechou o internato, como é que foi depois, que tipo de trabalho que você foi desenvolver depois?

T.: É... eu fui convidada no tempo da, na época que a D. Izaltina mais a Carmelita era diretora, e, e elas viram assim que eu tinha algum jeito com certeza, né?, porque eu

passsei a trabalhar na portaria, entende? Dava plantão na portaria, vendo a entrada, de quem entrasse e de quem chegasse.

V.: Que horas que você trabalhava aí? Nessa época.

T.: De sete à uma.

V.: O mesmo horário?

T.: Às vezes a gente ia, fazia, trocava também de horário, né?

V.: E quando você tro...

T.: Mas tinha as pessoas que trabalhavam também.

V.: Nesse período.

T.: Mas eu fiquei mais lá, depois que eu saí de lá e passei para aqui.

V.: Neste período que você trabalhava na portaria, quando você trabalhava à tarde, como é que, que horário que as alunas chegavam, se era, tinha que abrir a porta meio escondida para alguma voltar fora do horário ou não?

T.: Não, não, assim não, assim não.

V.: Você saía mais cedo?

T.: É, porque a gente saía, ou era de seis às seis ou de sete às sete, mas a gente tinha é, claro de identificar as pessoas que estavam entrando, que estavam saindo, mas se estava saindo assim escondido assim, sinceramente...

V.: As alunas não? [latidos]

T.: Não.

T.: Agora, esse material todo da escola de enfermagem, sinceramente gente, o que tinha lá de baixela, aquelas coisa assim, eu não sei para onde que foi, eu não se foi para o Hospital das Clínicas, não sei, que o negócio foi acabando assim, mas ordem das diretoras que mandavam para algum lugar, né?

V.: Mas tudo era de boa qualidade?

T.: ... ou algum (inaudível). De boa qualidade, era.

G.: Teresa, depois de copeira você passou para trabalhar na portaria, né?

T.: Na portaria, da portaria eu trabalhei, eu fui convidada para trabalhar na secretaria com a D. Nilza. Trabalhei muitos anos lá com a D. Nilza, lá eu fiz o curso de datilografa, aprendi muito datilografia lá, fiz o curso também, concurso, né? E fiz curso, fiz o concurso, passei, fiquei trabalhando lá. Depois com o passar (inaudível)

dos anos, eu fiz, eu prestei concurso também para assistente administrativo, fiz o curso, fiz o concurso na universidade passei, e aposentei como assistente administrativo. Fiz curso de secretariado na universidade, né?

G.: Teresa é...em todas essas atividades que você desenvolveu na Escola, você consegue fazer distinção entre as diferentes diretoras, que você passou por Ir. Emília, Ir. Maria Carmem, depois outros diretores...

T.: ... D. Izaltina.

G.: ... como é que era, você percebia mudanças na escola?

T.: Ah, percebia, então a época que mais teve mudança mesmo foi com a D. Izaltina, viu gente? Na época da D. Izaltina, D. Izaltina arrumou muita coisa lá, D. Izaltina gostava de muita coisa bonita, muito chique, muito linda, tudo muito cheiroso, muito limpo mesmo também, e ela punha pra quebrar mesmo, ela chegava: “Não, eu quero isso é aqui, isso vai ficar bonito é aqui, arruma isso aqui e vai ficar bacana é aqui, se não joguem isso no lixo ali, porque eu não quero, o lixo tem que ser jogado...” Sabe como é que era? Era tudo muito assim [latido], D. Izaltina toda vida foi muito assim, comunicativa, né? Agora..., não sei, que pena não poder falar... que ela falava tanto, né? Tinha muito a falar

G.: Você se lembra da escola...você se lembra assim como que a escola foi equipada, né?, montada para as salas de aula, para as aulas começarem a acontecer lá, você se lembra disso?

T.: Pois é, a D. Izaltina fazia, a irmã., a D. Nilza aí poderia informar melhor, porque ela como secretária geral da escola de enfermagem... Eu me lembro que ela fazia os *requerimentos através de ofícios, né? Hoje em dia nem deve de existir mais* essas coisas, artigo, arquivo morto na escola de enfermagem. Ela fazia para, para a reitoria, ela..., as diretoras faziam o pedido de tantas mesas, tantas cadeiras, foi montando lá, sabe? Que quando desceu realmente era tão pouquinho [latidos], depois foi montando assim, os escritórios lá.

G.: Todas essas mudanças, Teresa, (inaudível) na escola, término do internato, a mudança na direção, né?, das diretoras, você se lembra quando que terminou a, a direção pelas freiras, como é que foi essa, essa...

V.: ... saída.

G.: ... essa saída das freiras da escola?

T.: Bom, a gente sabia muito assim superficial, né? Porque Ir. Emília, eu não sei porquê, me falaram que ela foi transferida para o Rio de Janeiro, não sei porquê, como, a gente fica sabendo através de, ficava sabendo através de boca assim sabe como (inaudível) no titi, ah... ela foi para o Rio de Janeiro transferida, então, veio a Ir. Maria Carmem. Ir. Maria Carmem, ela me parece que foi doença no caso da Ir. Maria Carmem, ela ficou doente, aí depois da Ir. Maria Carmem quem que foi gente, depois?

V.: Carmelita.

T.: Foi Carmelita, pois é, D. Rosa [Rosa de Lima Moreira] também ficou certo tempo também substituindo, eu acho que a Ir. Maria Carmem, não foi isso? A dona...

V.: O quê você se lembra da D. Rosa no período que ela foi diretora?

T.: A D. Rosa sempre foi uma pessoa assim, realmente gente tranqüila, muito assim... Ah, D. Carmem, D. Carmem, D. Rosa era uma pessoa, quer ver quem que a D. Rosa era? Comunicativa com todos, sabe? Era realmente e ela saía da... mesmo sendo assim diretora da escola, ela ia para os campos de estágios com as alunas assim, mas ia mesmo, que a gente via que chegava, ela saía cedo. Gente, quando a gente chegava lá para pegar o serviço cedo, ela já estava lá há muito tempo já fazendo outras coisas, já dando as ordens, sabe como é que é? E ela ia para o campo de estágio também com os alunos, mesmo diretora, ela não ficava só assim por exemplo, acho que quando diretora mesmo, que ficou ainda um pouco lá exercendo a função mais assim de diretora foi a Carmelita e a D. Izaltina mesmo, acho que ficava mais lá, né?, as outras sempre saíam.

G.: Você se lembra é... quais as (inaudível), voltando às mudanças, né?, na escola, é... as normas de funcionamento da escola, qual que era a diferença em relação do internato, como que era é..., você percebia a diferença disso?

T.: É porque aos, aos poucos por exemplo lá tinha uma secretária, né? A escola de enfermagem montou uma secretaria com secretárias e tal, e nesse meio tempo já vinha como que fala gente, foi montado a secretaria, a secretaria já, já fazia os serviços que fazia antes, que nem me lembro onde se era no Hospital das Clínicas [latidos], se existia reitoria, não sei não, eu sei que era tudo feito na escola de enfermagem, ou seja, todos os serviços eram feitos na escola de enfermagem, tanto serviço de datilografia,

serviço, serviço de apostilamento, essas apostilas de professores, antigamente era a gente é que batia na secretaria, a gente é que fazia o serviço de datilografia.

G.: E os alunos, eles, eles é..., em termos de punições, era diferente do internato, como é que era?

T.: Ah, não, num... depois que, enquanto tinha o internato que, tanto lá em cima como aqui embaixo na escola de enfermagem, as, foi tudo mesmo gente, muito pouca coisa que mudou, sabe?

G.: O relacionamento das alunas com as diretoras, com os funcionários já, só na escola de enfermagem, você percebeu a diferença?

T.: Ah, era mais assim aberto, né?, era assim mais aberto sim, com todos, os alunos, você não estava dando plantão agora não, se você quisesse ir lá embaixo conversar comigo poderia, outros não chamava a atenção, enquanto naquele tempo já era tudo diferente, não podia não, a irmã, ficava muito assim, a gente conversava às vezes, podia ficar lá conversando com uma, com outra (inaudível).

G.: Você lembra da escola prestando serviço para a comunidade, através, por exemplo: fazendo curativos, é fazendo injeções, você lembra disso, das alunas fazendo isso?

T.: [silêncio] Mas da, prestando estágio, assim por exemplo, no Hospital André Luís por exemplo, assim que você está falando?

G.: Não, é... tudo bem, em termo de, de, de que hospitais, que além do Hospital das Clínicas se você lembra, né?, que as alunas faziam estágio ou por prestação da serviço, se a escola tinha alguma pequena farmácia...

T.: Não.

G.: ... alguma dependência para prestar algum tipo de serviço?

T.: Não, apesar..., lá não me lembro porque a Gercy [Gercy Kelles Vieira] dava uma aula lá, né? Aquela sala da técnicas, que você também participou, né? Pois é, porque era muito fechado ali, tinha poucas coisas lá, mas era a aula que elas davam lá, entende?, na sala lá de técnicas de enfermagem e tal, dava lá dentro mesmo do, mas para outras pessoas de fora assim não, depois às próprias as alunas foram dando curso lá para as pessoas de fora assim, primeiros socorros, inclusive eu mesma fiz lá, participei também, curso de primeiro socorro, é... aplicar, ensinar a dar uma injeção, fazer um curativo, as enfermeiras da escola, as alunas, elas abriam cursos e davam para

a gente também e outras pessoas interessadas, né? Mas assim, sinceramente, eu não sei informar para vocês direito, porque eu sei que elas faziam estágio no Hospital André Luís por exemplo, meu marido trabalhou no Hospital André Luís lá muitos anos também e, tempo da Dorinha [Maria das Dores Soares Caldeira], né? Você lembra da Dorinha?

V.: Que era da sessão de... ensino!?

T.: ...da sessão de ensino.

T.: É, fez curso de enfermagem também e tudo, eu sei que tem outros lá, a Norma Lúcia [de Matos], mulher do..., aquele mesmo gente, diretor lá do Galba Veloso, né? Eu sei que era assim, elas ficavam lá assim, mas eu não sei explicar para vocês assim certinho não, viu gente? Isso aí teria que ser mesmo a diretora, que a gente não ficava...

G.: E sobre as festas na escola, solenidades, algumas festas de formaturas, outras festas, você participava, como que você participava?

T.: Olha, até que eu era até convidada, mas muitas vezes eu não participava não, viu? Muitas vezes, mas as poucas vezes que eu participava a gente era muito bem recebido, por todos, era tudo muito alegre, é... Teve uma época que teve até festa junina lá, umas épocas lá, mas assim, umas festinhas boas mesmo, eu não me lembro, eu sei que eu não estava casada nesta época ainda não, aqui nesta escola aqui embaixo, né? E era muito boa a festa, viu gente, boa mesmo, as alunas convidavam outras pessoas e as pessoas participavam mesmo, mas eu realmente, eu era convidada, mas eu só que não tinha aquele negócio assim de estar participando mesmo, sabe? Era uma vez ou outra mesmo que eu participava, saía do horário de trabalho, eu não voltava mais não.

V.: Teresa quando você foi secretária do... você foi secretária dos dois departamentos?

T.: Fui.

V.: Fala um pouquinho desse período, quando você era funcionária do Departamento de Enfermagem Básica, o que você percebia, a relação das pessoas, depois da Enfermagem Aplicada, se tem alguma coisa diferente disso que você já falou para gente?

T.: Entre os professores? [risos]

V.: É...

T.: É, gente, é, bom a gente, a gente sempre percebe, mas alguma coisa assim que, ah, não deve de falar, né gente? Deve de deixar isso, você acha que não ?

V.: Você que sabe.

T.: É, mas eu pelo menos, aí é que está, né? Que eu fui toda vida tanto no Departamento de Enfermagem Básica, Aplicada e, porque foi dividindo os departamento, né? Eu só sei que, eu como secretária, eu não posso reclamar não, viu gente? Porque realmente toda vida, não é para falar que é puxa-saco não, mas as professoras pelo menos todas elas pareciam que gostava muito de mim e eu fazia também sempre para elas, sabe? Apesar de não ter às vezes muito conhecimento, sabe gente? Porque realmente a gente precisava ter, eu me lembro quando a Marilda [Silva Pereira], a primeira vez que eu fui fazer uma..., bater uma prova, fazer datilografia, eu não sabia ainda fazer o serviço direito, você vê que eu fui ser [latidos] convidada para trabalhar no Departamento de Enfermagem Básica como secretária, você vê como, que dificuldade que eu tive porque, aí, já tem tempo da Yole [de Carvalho Mazzoni] e da, e da Vitória [Maria, da Silva], né? [latidos] E, eu fui com a cara e a coragem, mas eu não sabia fazer outros serviços direito não, assim, fazer um serviço bonito, fazer um serviço de datilografia, depois é que eu fiz o curso, prestei concurso, fiz, mas eu gente, mas elas todas eram tão assim bacana com a gente, tão paciente, todas as professoras, eu me lembro a primeira prova, não esqueço até hoje, a Marilda que pediu para mim bater, fazer datilografia de uma prova, vinte e tantas questões, e está lá Teresa fazendo, gente que vergonha a primeira vez, errei tanto, e ela foi conferir com um médico lá do Hospital da Previdência, ai que vergonha, o rapaz foi lá, tão bom, tão..., mas se vê que paciência que ele teve de fazer, igual aquela menina ali, tudo, conferi tudo direitinho para mim sentado do meu lado, mais a Marilda, gente, eu fiquei até..., eu fiquei com vergonha porque era para ter ali uma secretária muito eficiente, eu não sei porque que naquele tempo eles não contratavam uma pessoa assim..., bom, Teresa, não sabe datilografia, então eu vou contratar uma datilógrafa, não sei informar o porquê, eu só sei que eu fui convidada para trabalhar no departamento, as professoras em reunião lá, não sei como, tinha Edelvira [Costa Santos], tinha outras pessoas lá, mas elas votaram em mim, entende? Eu sei que foi isso mesmo, que (inaudível), que eu sei que causou até muita..., muito ciúmes entre as colegas lá, porque Teresa? Por que Teresa, né? E

todos, não sei porque me, me, me elegeram lá, eu fiquei trabalhando lá como secretária, fazia de tudo e portanto eu trabalhava até mais do horário porque muitas vezes eu não dava conta, se você me pedisse uma prova para amanhã e me entregasse hoje, eu ia fazer essa prova hoje até o horário que fosse, mas eu deixava essa prova pronta para você. Você está entendendo, eu não deixava, não ia embora, eu não deixava serviço para trás não, então eu tinha aquela responsabilidade mesmo, então, mas eu me sentia muito bem com todo mundo, você entende?

V.: Quem mais...

T.: Apesar de eu não saber direito, engraçado, né? As professoras tiveram aquele carinho comigo, gente como que eu agradeço o pessoal todo lá, eu agradeço realmente porque isso não existe mais não, viu? Acho que não, todo mundo já entra concursado, cada um (inaudível) que eu sei, eu sei, assim chamar uma atenção, já tarde, né? Eu antigamente as pessoas não me chamava atenção, tinham o maior carinho comigo, maior respeito e eu também fazia tudo para dar conta, sabe?

V.: Essa diferença que você está colocando agora, das pessoas que já entram concursadas, são os professores ou são funcionários?

T.: Não, não, os funcionários, os funcionários, os professores toda vida eles me trataram mais, bem demais e nunca, não tenho assim a reclamar de nenhum, mas colegas da gente, a gente sente que realmente houve muito assim diferença, né?, e tal, agora, eu não sei porque, eu fazia por onde e fui a frente, né?, até aposentar, mas nunca deixei.

V.: Nesta época que você foi convidada para ser secretária do Departamento de Enfermagem Básica quem mais trabalhava na época e poderia ter assumido, você falou: Edelvira...

T.: É, trabalhava Edelvira...

V.: Mas?

T.: ... portanto até quando separou, dividiu os Departamentos de Enfermagem Básica e Aplicada, então, precisava de outra secretária, então eles não tinham outra pessoa, eles chamaram a Edelvira para trabalhar, lá no... Edelvira ficou no Básico e eu fui para Aplicada, né? Mas eu não sei assim informar para vocês o porquê, algum professor

deve de saber informar assim porquê da Teresa, Teresa vai, Teresa fica, você sabe...
(inaudível)

V.: Todo mundo reclamou quando você saiu da Enfermagem Básica, né?

T.: Sinceramente, todo mundo reclamou, todo mundo...

V.: Porque gostavam de você.

T.: ... todos gostavam de mim, né? Eu também de todos, mas eu não podia fazer, porquê, por exemplo, separou teria que ser, ter duas secretárias, então a gente, né? Alguma teria que ir, eles me levaram para lá, eu fui, né? E todos parecem que gostavam bastante de mim, viu gente? Uma coisa assim...

V.: Você sentiu diferença quando você foi para a Enfermagem Aplicada ou Departamento alguma coisa diferente em relação ao outro Departamento? [latidos]
[silêncio]

T.: Não, os serviços foram os mesmos, né?, o tipo de serviço, o tratamento com os professores foram os mesmos, só a gente ouvia alguma reclamação. Ô Teresa, porque que você não ficou lá e tal, mas é uma coisa que realmente não estava em mim, né? Então...

G.: Teresa você lembra da escola passando por algumas dificuldades em geral ou dificuldades financeiras?

T.: Olha, a gente ouvia os diretores falar, entende? Comentar que estava difícil, que tinha que solicitar não sei quanto, por exemplo assim, é... na época do internato me parece que fechou justamente porque... é situação financeira, né? Eu acho que foi, que não estava dando, pra, assim...

V.: As alunas...

T.: ... manterem as alunas.

V.: As alunas reclamaram, falaram alguma coisa, fez algum movimento que você sentiu?

T.: Não, as é..., as alunas a gente sentia, a gente sentia sim que realmente elas gostavam muito, delas gostavam do internato e portanto algumas que eram de longe que, que gostariam de estar ali na escola, dentro do internato, elas teriam que sair, pagar fora um apartamento sei lá como, um quarto e tudo, quer dizer, elas não acharam

bom, né? Agora o porquê realmente no fundo gente, eu não posso informar não, viu? É uma coisa que só mesmo as diretoras poderiam informar.

G.: Teresa é... nesse período já da escola atual pessoas que marcaram mais, pessoas ou fatos mais marcantes assim, algum?

[silêncio]

T.: Bom a gente sabe assim é de colegas, né gente? Tanto, que já morreram, né? Sr. Geraldo [que dirigia a Coramina, marido da Iris], Sr. Geraldo foi uma pessoa, nossa, excelente! Nossa senhora, bom demais! Professoras também, D. Maria do Rosário [Neves], vocês lembra de D. Maria do Rosário, né? Nossa! D. Maria do Rosário era uma pessoa excelente, tanto como, com a gente quanto com os alunos, todos os alunos adoravam D. Maria do Rosário na pediatria, o pessoal do hospital também, lá do São Vicente de Paulo, né? Que eu não sei se existe ainda, eu sei que D. Maria do Rosário deu muito, viu gente? Fez muito também lá na escola com todos assim, então, é uma das, das coisas que marcaram a vida da gente assim, que tem umas pessoas realmente marcam mais, né? D. do Rosário, que ver quem mais, como colega foi só o Sr. Geraldo porque..., ele também já é falecido, né? Então, era um colega assim muito, como se fala gente, assim respeitador, sabe? E isso é importante no local de trabalho, viu?, eu era muito assim menina mas realmente depois dos tempos passando, foram entrando outros funcionários, outros colegas porque a gente não, não poderia [latidos] ter aquela, como que fala, aquela confiança de ficar até tal horário com um funcionário, ou..., enquanto que, com o Sr. Geraldo, ele dava a gente todo respeito, toda confiança e tudo, a gente precisava ele fazia, ajudava a gente, sabe? Isso é importante demais em todo setor de trabalho, não é gente?

V.: Você teve alguma, algum problema de falta de respeito com algum funcionário, contigo, enquanto funcionária?

T.: [silêncio] É, algumas cantadas, né? De colegas assim, a gente ficava meio..., né? Puxa vida a gente já, eu não gostava porque afinal de contas, acho que não estava certo, né? Então...

V.: Nos tempos mais recentes ou nos mais antigos também??

T.: Mais antigos, né? É, assim, depois foi na é..., eu acho que se ainda existe, ainda, se existe, é muito chato a gente até falar isso, né? Mas afinal de contas sempre tem umas

conversas assim de, tro... trocadas, como se diz, é porque a gente é colega eu acho que a gente tem que ser colega mesmo, com todo o respeito, eu acho que a gente não pode mudar, né? Está certo não, fora, [risos] eu acho que fora tudo bem, mas no local de trabalho, eu acho que está tudo muito..., sabe? Não umas coisas assim (inaudível) deixa, deixa, já passou a gente tem que saber reconhecer o lugar da gente também, a gente (inaudível) quando a gente quer, quando um não quer dois não brigam, né? [risos]

V.: É. Algum... falar em homem, colega, algum, você se lembra do primeiro aluno da escola?

T.: Lembro. Já até morreu, né? Wilson, né? É, ele já até morreu também...

V.: ... Aluno?

T.: Aluno, o primeiro aluno da escola de enfermagem...

V.: Conta para gente.

T.: ... foi o Sr. Wilson foi ele, entrou no tempo da Ir. Emília ainda, fez o vestibular, não é isso mesmo, Wilson? É, o primeiro aluno da escola de enfermagem foi Wilson, mas ele já morreu também que eu fiquei sabendo.¹

V.: Ele formou?

T.: Ele formou e trabalhou no Hospital das Clínicas, eu não sei o sobrenome dele, meu irmão deve de saber porque a mulher dele, ela morava, eles moravam aqui no bairro São Lucas e há pouco tempo o Tarcísio me falou assim, na faculdade: “Olha, sabe que o Sr. Wilson morreu?” Eu falei: “ô gente, mas que isso, o primeiro enfermeiro da escola de enfermagem.” Ele era tão tratável assim, ele era sério, muito bacana, casado, sabe? A gente conhece assim apesar..., através de papai e de mamãe, que mamãe vendia muita banana. Antigamente isso aqui era um banereiral, até (inaudível), depois que foi vendendo, sabe? Mamãe vendia banana, você precisava de ver, levava lá no Hospital das Clínicas e tudo, e ela conhecia todo mundo, então, conhecia a mulher dele, conhecia o Sr. Wilson, conhecia um povo lá. Mas ele, eu sei que ele fez o concurso na escola de enfermagem, o primeiro enfermeiro, mas ele já morreu, tem pouco tempo.

¹ O primeiro aluno encontrado nos registros foi Henrique Augusto de Melo, formado em 1966.

V.: Como é que era a relação dos alunos, das alunas com este primeiro aluno, você se lembra?

T.: Ah, a relação era muito assim mais distante, distanciado...

V.: Não ficava paparicando?

T.: Não ficava muito não, não...

V.: E as professoras?

T.: ... porque hoje em dia, me parece que é mais aberto também, porque por exemplo, entrou o Lúcio [Lúcio José Vieira] e mais quem é gente?, o Janus [enfermeiro do Hospital das Clínicas da UFMG] e outros, e outros lá, mas foram, foram mais abertos, mas tudo assim porque antigamente era muito fechado, era muito diferente, distanciado. Gente teve um, uma época, uma vez, que eu não tenho nada com isso, que é coisa que não cabe a mim, que eu como funcionária, eu sei que teve uma discussão entre os professores e alunos lá assim, porque o Sr. Wilson não podia participar, entrar na sala de..., isso é coisas de, de enfermagem, de professora, então, você está dando enfermagem obstétrica, você acha que o Sr. Wilson não poderia entrar lá para, para ver uma senhora... fazer o parto de uma senhora, eu sei que isso correu até para os funcionários, é uma coisa que eu não, não deveria até nem estar falando (inaudível) e eu estou falando (inaudível).

V.: Deve. [riso]

T.: ... é chato, né? Falar isso, eu sei que foi tão difícil e lutou para isso, e ele conseguiu, D. Daura sabe informar muito bem, que eu sei que na época, eu não sei se foi a D. Rosa e tudo, eu sei que eles estavam contra mesmo, então, que ele foi o primeiro enfermeiro...

[FINAL DA FITA 1 LADO B]

FITA 2 LADO A

T.: ... essas enfermeiras mais antigas acho que é daquele tipo meu, viu gente? [risos] Não é? A criação, não é? Talvez, não é? A criação de cada um, se acha que não deve o homem participar, mas hoje em dia está tudo tão abertamente, né?

V.: Hum, hum. É, esse, foi a luta do primeiro, do Wilson, não é?, em fazer a disciplina obstetrícia... .. e tal, e o segundo você se lembra?

T.: É... Ô gente, teve o Joaquim [Joaquim Machado Neto] também, que foi o segundo, Joaquim, Joaquim, tá?, enfermeiro ainda trabalhando em algum lugar aí, que ele fez tantos concursos (inaudível), era tão assim comunicativo com a gente, ficava muito lá na escola também.

V.: E o Joaquim foi diferente do...

T.: Ah, foi engraçado, né?

V.: ... que diferença você notou?

T.: ...ah, desliga isso aí?

V.: Então tá, desligo.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

T.: De todos os diretores, funcionários alojados, as alunas, o Sr. Wilson estava lá...

V.: O Sr. Wilson, então era, claro... simpático, bonitão...

T.: ... era, muito simpático... alto, bonitão...

V.: ... alto, bonitão... E o Joaquim não?

T.: Não..., eu só sei que , eu não sei falar para vocês o, o motivo, mas eu só sei que ninguém era muito...

V.: Era diferente?

T.: Era diferente.

G.: Você estava falando sobre a homenagem recebida dos alunos?

T.: É, eu fui homenageada pelos alunos, também a gente já passou tantos anos que eu não sei nem em que época mais [risos], que coisa, né? Deve de existir alguma coisa lá como secretária da escola da dona Nilza, aquele livro de secretária, que tem esse livro lá...

V.: ... registrado.

T.: ... registrado, que eu, como eu fui secretária também lá, eu sei muito bem que a gente registrava tudo, não é?, nos livros lá.

G.: Você, alguns colegas seus desistiram de trabalhar, do emprego, teve alguma situação dessa?

T.: Desistência? Colega?

V.: ... que arrumaram um emprego melhor ou que era transferido de unidade, porque?

T.: Não, porque geralmente todas as pessoas que entravam ficavam trabalhando, né?

G.: E alunos, você percebia se os alunos desistiam, as alunas?

T.: Elas desistiam, agora, porque também a gente não sabia, não é? Não sabia.

V.: Você lembra de alguma briga feia com as alunas, com alguma aluna, das diretoras ou das professoras com alguma aluna, já na escola nova, de ter que expulsar, sair da escola, do internato?

T.: É, lembro sim, dona Izaltina mesmo, expulsou sim, a Maria Helena, né? Maria Helena, Maria Helena, porque ela ficou grávida, namorava esse rapaz, o rapaz não saía de lá e tudo. Não sei porque dona Izaltina tomou antipatia dele, não sei se ela via alguma coisa além, portanto ela até teve uma menina, né?, dele, desse rapaz, também não casou e a Maria Helena ficou chateada, brigou muito com a dona Izaltina, brigou sim, falou muita coisa, eu sei, as duas falaram demais assim, uma com a outra, de brigar e falar muita coisa mesmo, que eu não gostaria nem de falar isso não, viu gente? Realmente é uma coisa muito chata, mas ela acho que foi a primeira aluna, porque solteira, acho que foi mãe solteira na escola, eu estou achando, não é? Que foi a primeira aluna, né? [risos] Que a gente viu naquela época, eu só sei que, gente o negócio foi feio.

V.: Essa não formou, ela saiu, essa foi expulsa da escola?

T.: Eu não, eu não sei se a menina foi expulsa.

V.: Você sabe o sobrenome dela?

T.: Não, Maria Helena de que gente?

V.: Dona Izaltina era diretora?

T.: (inaudível) dona Izaltina era diretora, começou com Maria, com a Ir. Maria Carmem depois passou para dona Izaltina, eu só sei que essa menina não conseguiu formar não, viu? Não conseguiu não. E ela gostaria de formar sim, se ela formou, ela formou em outra escola, mas ela lá na escola de enfermagem... Agora, gente que coisa difícil, isso aí é uma vergonha, mas alguém deve falar para vocês a Carmelita,

V.: ... da Maria Helena, né?

T.: Ah, dona Daura.

V.: ... e outras, outra aluna, outra, outro escândalo, assim, outra tentativa de expulsão, outra briga feia na escola das alunas?

T.: Não.

V.: Delba [Nepomuceno], você se lembra?

T.: Lembro...

V.: Você não lembra nada de confusão com ela?

T.: ... gente o quanto eu estou esquecida, eu me lembro dela, mas era..., era tão assim difícil, tão mais assim, mais distanciada, né? Que tem pessoas que conversa mais com você, igual essa Maria Helena, ela ficava tão puta, tão danada com tudo, que ela chegava e falava com qualquer um, eu não te conheço, mas eu chego, eu falo e tudo. Agora, essa outra, a Delba, a Delba, gente eu me lembro dessa Delba também, ela saiu lá da escola, me parece que ela foi formar no Rio de Janeiro, teve algum, tem alguma escola no Rio de Janeiro?

G.: Tem.

T.: Ah, não sei gente, eu me lembro sim...

V.: Então, de vez em quando... ... tinha uns problemas sérios com as alunas desse jeito

T.: (inaudível) está lá. É, mas a gente como, como funcionário a gente não tinha que..., né? A gente está até falando isso aqui hoje, mas ó, ó (inaudível) coisa é (inaudível) que realmente agora já não sou mais secretária, não sou nada, né? [risos]

G.: Teresa, falando nesta época que você era secretária e que você trabalhando junto com a dona Nilza, você lembra de como que era a seleção para entrada das alunas na escola, como que elas se ingressavam no curso?

T.: Olha, eu não sei informar como era corretamente assim não. Eu sei porque elas falavam assim no vestibular, vestibular, agora onde era realizado esse vestibular, eu não sei informar, porque a Noemi [Maria, Ferreira Ribeiro] ainda fez vestibular na Escola mesmo, de Enfermagem no tempo da Irmã Emília. A Noemi, não estava, tá..., a Noemi não pode informar para vocês não gente? Essas coisas.

V.: Ela (inaudível).

T.: Pois é, a Noemi, a Noemi foi uma pessoa assim muito..., sabe? Porque ela poderia informar direitinho.

V.: Teresa, você lembra de algum falecimento na escola de enfermagem, de aluna, ou de professora, além dessas que você falou, tenha morrido nesse período que você foi funcionária?

T.: Aluna... teve um aluno que morreu, não é gente? No Hospital das Clínicas, mas eu também já não sei mais o nome dele.

V.: Aluno?

T.: Aluno.

V.: Você não lembra que doença que ele teve?

T.: Ele morreu com... agora, hoje em dia é AIDS, antigamente eu não sei como que era, mas já, já se falava nessa AIDS sim, nesse enfermeiro, ô gente!

V.: Isso foi mais recente ou antigo?

T.: Mais, mais antigamente, mas assim, né gente?

V.: No tempo das freiras?

T.: Não, não...

V.: Não tinha aluno.

T.: ... não, não, não foi no tempo não. Ô gente, assim eu não sei te falar, que funcionário eu me lembro agora, né? Sr. Geraldo, mas...

V.: Aluno, enquanto aluno, você não se lembra (inaudível).

T.: ... professores foi, foi a dona Maria do Rosário, não é gente? Então, a dona Yole morreu também, nós estávamos aqui quando ela adoeceu, foi depois que... É, eu não sei informar para vocês isso não, sinceramente.

G.: Após a saída da escola, como é que foi, como é que está sendo a sua vida, o que você fez depois dessa saída? [risos]

T.: Ah, comentei hoje com a Beatriz, gostaria, eu ia, eu ia fazer milhões de coisas, de repente...

G.: Beatriz é quem?

T.: Minha filha. [riso] Eu estava comentando com ela, que essa menina que trabalha na reitoria a, a, a Arlete, essa que veio aqui agora, ela está para aposentar agora em dezembro, então ela, a gente estava conversando no telefone hoje, que ela estava falando as..., o que ela vai fazer e tudo. E eu falei: “Arlete, eu também fazia tanta coisa, eu ia fazer, aprender tanta coisa e tudo, a única coisa que eu fiz foi um curso de queijo, curso de congelados [risos] e mais nada, e trabalhar dentro de casa.” “Ah, mas não pode ser assim Teresa, tem que sair, tem tudo.” Eu falei: “não, ô Arlete, cá prá nós, perdi meu filho maravilhoso, a gente volta, a gente cai num baixo astral, que é

onde a gente não esperava, mas continua, sabe?” Logo, depois daquela menina que foi maravilhosa também, aquela menina a Maria Sinno seis meses, né?

G.: A morte do seu filho foi depois da morte da Maria Sinno?²

T.: Seis meses depois, certinho, seis meses. Maria Sinno foi garota maravilhosa, não é gente? Nossa, não esqueço aquela menina, boa pra daná, tranqüila!

V.: Como é que você sentiu a morte do seu, do seu filho em relação à escola, quer dizer, como é que foi a relação das pessoas com você na época da morte do seu filho, se houve uma.....

T.: Gente, eu recebi tanto apoio de todo, de todo mundo, todo mundo, sentiu assim junto comigo, é uma coisa que até hoje sinto e nem gosto de falar, sabe? Gente, eu vou falar com vocês, eu sou mesmo assim muito, eu fiquei é... relaxada, que até hoje não tem essa pessoa que eu encontro da escola de enfermagem, onde eu fico assim, emocionada, porque realmente gente, de repente eu perdi aquele filho maravilhoso que se vocês não sabem e tudo, mas a gente sabe, que é filho da gente, né? É muito triste, muito assim, aquela morte que houve, né? Até hoje a gente fica muito emocionada, então, eu não consigo nem falar direito, mas foi muito bacana mesmo todas as pessoas, sabe? Eu recebi apoio de todo mundo, todo mundo mesmo, sabe? Então, eu fico assim muito, imensamente agradecida a todos porque realmente eu não, não, eu que não aceitei assim ou por um motivo ou por outro, mas se eu precisasse gente, vocês nem imaginam. Então, quando eu, acidentada em 76, foi bem mais anos, né?, atrás, tem vinte anos que eu fui acidentada, eu não posso nem falar, gente, toda vida as pessoas, as professoras da escola de enfermagem, os meus colegas também, apesar de muitas vezes eu sentir que eles sentiam um certo ciúme de mim, eu não sei assim porque, o que eu fazia, mas gente eu lembro da Lídia [Maria, de Queiroz Rocha], de Gercy, de todas elas assim, do Departamento de Enfermagem Básica, de vocês todas, nossa, mas faziam tanta coisa para mim que eu nem merecia tanto, sabe, nunca mereci tanto e realmente foi tudo tão assim, vinha tudo assim, em minhas mãos que eu, eu não sei nem como agradecer, você acredita Geralda? [risos] Fala a verdade, viu?

V.: Você volta ainda à escola?

² Maria Sinno, formada em dez/76, vice diretora de 10/86 a 06/87, quando faleceu devido a um aneurisma cerebral; o filho da entrevistada era policial e foi assassinado.

T.: Olha, é uma vergonha também, depois que eu aposentei não fui mais à escola de enfermagem porque é o caso, depois que eu aposentei, eu falei que ia fazer mil e uma coisa, mas não fiz, não é gente? Aí é que tá, com a morte desse menino então a gente, tinha três anos só, então eu fiquei muito assim, a gente volta e fica muito apegada aos filhos, entende? E ainda tive esse menino depois de quatorze anos, não é? O outro tinha quatorze...

V.: Seu filho morreu, você ainda era funcionária?

T.: Eu era funcionária ainda, eu aposentei depois, né? Três anos, dois e..., três anos depois, mas e eu, quando eu... ainda tive Tiago ainda, quatorze anos depois, o Alexandre estava com quatorze anos, eu ainda tive esse menino ainda, então tive outro apoio de todo mundo da escola, em peso, que eu vou te falar, eu não sei nem como agradecer, sinceramente, todos os professores, foi tudo tão, sabe?, quando a gente é assim, gente fizeram um chá de bebê aqui para mim que eu não esperava isso, puxa vida! A escola toda, então, eu acho que é coisa assim que realmente a gente, a gente tem assim que voltar atrás, sabe? De vez em quando parar e pensar, às vezes eu fico falando com o meu marido lá, porque eu fico mais com ele, lá na roça, lá na fazenda do que aqui. Então, é a Beatriz que fica aí, agora, agora ela está, não está trabalhando, mas ela está arranjando outro emprego, daqui uns dias ela vai trabalhar e eu como voltei com os meninos para Belo Horizonte, porque lá em Itabirito tem colégio, mas é muito longe, 14 Km, é difícil, né? E aqui é perto, coloquei ele aqui na Floresta, no Colégio São José, então eu não deixo, devido, não sei se é devido eu ter perdido aquele outro menino. A gente fica muito apegada a este, então a gente quer assim, aquele caso: “super- mãe”, né? Tem que dar assistência aos meninos e tal, então eu deixo o marido lá e fico aqui, às vezes eu vou prá lá, mas Beatriz fica com ele aqui, a gente fica assim, né gente? Mas eu acho que eu sinto que eu fiquei muito assim distante das pessoas da escola, da escola de enfermagem dos professores principalmente porque todos parecem que gostam muito de mim e eu também gosto de todos [campainha], mas só que eu não fui, não vou, sabe? A gente por um motivo ou por outro a gente sempre tem uma coisa não vai... então, quando a gente encontra é aquela festa, é aquela coisa com todos, sabe

G.: Teresa..., quais... Essa vida toda dedicada na verdade na enfermagem, né? Quer dizer, foi o seu, o seu único emprego, né?

T.: Foi, único emprego.

G.: Único emprego, trabalhou, aposentou na escola e como que você via a enfermeira na época que você entrou para a escola, e a enfermeira de hoje, você percebe a diferença dessa enfermeira que na época morava no internato, tinha um internato, depois com essas mudanças todas, como é que você ver isso?

T.: Você fala assim o modo dela trabalhar ou conversar com a gente?

G.: No geral, tudo, quem que era enfermeira para você naquela época e quem que é enfermeira pra você hoje?

V.: Enquanto profissional, por exemplo... É?

T.: É, é o caso, né? Porque por exemplo, eu conheci a Terezinha, conheci a Alaíde, conheci Carmelita, dona Izaltina, então enfermeira naquela..., né? Hoje em dia está muito mais assim diferente, muito mais assim, assim misturado que eu falo, não é gente? Vocês vão me desculpar eu falar, será que vocês vão entender o meu português? Que é muito mais assim comum, tudo muito como é que fala em gente?

V.: Você quer dizer que elas eram mais distanciadas, pomposas, assim...?

T.: Eram mais... assim, era sim.

V.: E agora é mais comum, mais igualdade...

T.: ... mais comum, mais igualdade, é, é...

V.: ... no relacionamento das enfermeiras docentes com os funcionários, mais ou menos assim?

T.: É, com mesmo, os funcionários, mesmo com os próprios alunos, mesmo também, viu gente?

V.: Com os próprios alunos também!?

T.: É.

V.: A relação é mais de igual agora?

T.: É, mais de igual para igual, antigamente não era não...

V.: Antigamente era mais rígido os relacionamentos, mais cheio de, mais formalidade?

T.: É, isso existia sim, existia sim, agora eu gostaria que vocês realmente fossem ver com a dona Daura, Carmelita, dona Izaltina coitada que não fala mais, né? É o caso.

V.: Nós estamos entrevistando todas essas pessoas.

T.: É, a Noemi tem muito para falar para vocês, não é gente?

G.: Teresa, então a gente quer colocar, falar mais alguma coisa se achou que deixou de falar?

T.: Ah! Ô gente sinceramente eu não estou, não estou assim, sabe?, tocando no assunto a gente lembra, ah, é fulano, coisa assim e tal, mas eu falo com vocês o seguinte se vocês acharem que eu sirva para alguma coisa, eu estou às ordens para vocês, para falar alguma coisa, viu?

G.: Agradecemos, agradecemos você desde já...

T.: Porque realmente, eu não..., sabe? Porque a gente fica assim muito, de repente, pra gente chegar e falar, mas a gente vai lembrando de uma coisa ou de outra e eu espero que vocês, não sei, que vocês possam nesta conversa minha boba aí que às vezes, não tenha, pegue alguma coisa, algum fruto aí, porque realmente a gente, a gente fala o que sabe, né? Eu falei o que sei, assim que eu vi nesse [período] todo aí.

V.: Mas é isso que é importante, você sabe o que você viveu, é isso a pesquisa! [risos].
Obrigada!

[TÉRMINO DA ENTREVISTA]

[A FITA 2 LADO B NÃO FOI GRAVADA]

Ficha Técnica

Data da Entrevista: 09 de maio de 1996

Local: Residência da entrevistada

Número de Fitas: 02

Duração da Entrevista: 90 minutos

Entrevistadoras: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Ana Valesca Fernandes Gilson Silva

Conferência de Fidelidade: Geralda Fortina dos Santos

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos